Aula
6

# A HISTORIOGRAFIA SEGUNDO ERIC HOBSBAWM(1917-)

## META

Caracterizar o pensamento historiográfico de Eric Hobsbawm.

## OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
elencar e explicar os principais aspectos do pensamento historiográfico de Hobsbawm.

# INTRODUÇÃO

O assunto da aula de hoje é a ideia de historiografia de Eric Hobsbawm. O autor é um dos mais famosos historiadores do século 20. Suas obras estão traduzidas em diversas línguas incluindo o português. O seu livro A era dos extremos, publicado em 1994, foi muito lido e muito comentado. Como outros historiadores, Hobsbawm não é um teórico contumaz. É um artesão que, ocasionalmente, reflete sobre o seu fazer. É um teórico bissexto.

Hobsbawm é confesso seguidor de Karl Marx no que tange a ideia de história. Ele, como outros, no entanto, faz uma distinção no legado de Marx. Fala de um "marxismo vulgar" contraposto a "autêntica" contribuição do pai do marxismo. Não está sozinho no fazer releituras de Marx. Muitos fizeram isto antes dele. Um exemplo famoso de "releitura" de Marx é a obra do francês Louis Althusser (1918-1990). Althusser distingue, nos textos de Marx, obras "maduras" e obras "ideológicas" (não científicas). Um legado "válido" e outro "descartável". Acontece com a obra de Marx o mesmo que ocorre com a Bíblia. Cada leitor pensa que a sua "leitura" é a mais válida, a mais correta. É a "sina" de quem vira "clássico": ser objeto de distintas leituras ou "apropriações". Pensem nas diversas leituras do legado de um autor como Sigmund Freud (1856-1939)? Hobsbawm, como outros marxistas ocidentais, não se contenta com catecismo oficial do marxismo soviético, o chamado marxismo-leninismo: usam Marx com mais criatividade ou imaginação.

# ERIC HOBSBAWM: NOTA BIOGRÁFICA (1917-)

Nasceu na Alexandria, Egito, em 1917. Foi educado em Viena (Áustria) e Berlim (Alemanha). Ficou órfão de pai aos doze anos (1929) e mãe aos quatorze. Foi criado por uma tia materna. Em 1932 muda-se para a Inglaterra, onde faz o seu bacharelado em Humanidades, e o seu Doutorado no Kings College, Cambridge. Casou-se duas vezes. Do segundo casamento co Marlene Schwarz teve dois filhos: Júlia Hobsbawm e Andy Hobsbawm. Tem ainda um outro filho, Joshua Hobsbawm, de relação extra-conjugal. Foi membro do Partido Comunista da Grã-Bretanha de 1936-1986, e do grupo dos historiadores do Partido Comunista (1936-1956). Em 1956 Hobsbawm apóia a invasão da Hungria pela União Soviética. Foi professor na Universidade de Londres e na Nova Escola para pesquisa social. Atualmente é presidente da Faculdade Birkbeck (Univ. Londres) e professor emérito da Nova Escola para Pesquisa Social (N. Y.). Hobsbawm fala inglês, alemão, francês, espanhol e italiano. Lê português, catalão e holandês. É um poliglota.

Hobsbawm especializou-se no campo da historiografia sobre o século 19.

Foi editor da revista Past and Present (Passado e Presente), e colaborador de Marxism Today.

## OS "LIMITES" DA HISTORIOGRAFIA DO SÉCULO XIX

Conforme Hobsbawm a historiografia do século XIX padecia de alguns limites ou defeitos consideráveis:
a) Era uma historiografia centrada no estabelecimento dos fatos, sobretudo políticos; Ou, noutros termos, era predominantemente narrativa, personalista e bélica. Tais traços são negativizados pelos marxistas, começando por Marx.
b) Seu esquema explicativo resumia-se ao determinismo e ao evolucionismo. Quer dizer, no plano dos objetos e da metodologia era limitado (somente a dimensão política). No plano epistemológico ou explicativo: o positivismo. Para Hobsbawm esta historiografia "em nada" contribuiu para o entendimento da sociedade; era insuficiente tanto no plano teórico quanto no metodológico.

Note: na verdade, o autor generaliza, indevidamente. Nem toda historiografia do XIX tinha este perfil epistemológico. O quadro é diversificado naquele século como no século XX. O perfil traçado pelo autor é um tanto quanto caricatural. É um retrato feito sob medida para negativizar o inimigo, ou o concorrente.

## INOVAÇÕES DA HISTORIOGRAFIA NO SÉCULO XX

a) substituição da história política pela socioeconômica (do eventual para o estrutural), das elites para o povo ou as classes sociais.
b) Renúncia ao idealismo no plano explicativo. As "causas" ideais são substituídas pelas causas materiais. O material toma o lugar do "espiritual".
c) Explicação (em termos estruturais) toma o lugar das explicações personalistas ou psicológicas.
d) Renúncia "atenuada" à teleologia. A historiografia se distancia das filosofias da história; das teses especulativas obre o passado.
Mudanças portanto, no plano do objeto, da explicação, da teoria da história. Há que se perguntar se, de fato, a visão marxiana rompe com a teleologia. A noção de uma futura "sociedade sem classes" não é teleológica? Não há em Marx uma teleologia como havia em Hegel? O devir histórico, em Marx, não é casual, pois tem um sentido, uma "direção", uma meta como em F. W. Hegel.

## AS TESES DO "MARXISMO VULGAR"

O marxismo que influenciou a historiografia mundial, no entender do autor, foi a sua vulgata, e não o marxismo "maduro". Assim, o autor distingue duas formulações do pensamento de Karl Marx. Este marxismo vulgarizado tem como ideias básicas:
a) O determinismo econômico; ou seja, a ideia que a economia é a chave explicativa de toda sociedade. A infra determina.
b) A noção de "lutas de classe" como sendo o princípio que comanda toda a história da humanidade.

c) Leis históricas; ou seja, a noção de que o processo da história não é casual ou aleatório, mas é regular, previsível, passível de generalização.

Foi este o marxismo vigente na historiografia. No entanto, para hobsbawn, tal influência não é autêntica. Noutros termos: o determinismo infra estrutural, a noção de lutas de classes, a sucessão necessária dos "modos de produção". Não constituem o "miolo" do marxismo moderno.

Aqui o autor faz um esforço no sentido de "suavizar", tirando do marxismo os "estígmas" do século 19: o determinismo econômico e a teleologia (filosofia da história). Assim fazendo, o autor continua marxista? Alguém disse que a visão de Hobsbawm talvez deva ser tomada como exemplo de "pós-materialismo".

## A "AUTÊNTICA" CONTRIBUIÇÃO DE KARL MARX À HISTORIOGRAFIA NA VISÃO DE HOBSBAWM

Acredita Hobsbawm que o "miolo" da contribuição "autêntica" de Marx à história consiste em três noções ou teses:

a) A teoria da hierarquia base/superestrutura. Ou seja, a "hierarquia" entre fatores da totalidade social ou "modo de produção". Aqui a noção de "hierarquia" substituiu a noção de "determinação". O autor "suaviza" o determinismo econômico. O peso da economia é superior ao da cultura, por exemplo.

b) A teoria da sucessão das formas socio-econômicas ou modos de produção. O devir histórico não é aleatório, ou casual. Aqui a noção de "necessidade" é substituída pela de "tendência". A sucessão dos modos de produção não é predeterminável nem gratuito.

c) A teoria da contradição ou "tensões inerentes". Quer dizer, o modo de produção é tenso internamente.

Em síntese; para Hobsbawn, o cerne do pensamento de Marx sobre a história reside 1) na distinção hierárquica entre base e superestrutura; 2) na teoria do devir histórico como causal; 3) na teoria da "contradição" como inerente ao sistema.

O autor tenta aqui afastar-se do chamado marxismo-leninismo. Para Hobsbawm, a autêntica contribuição de Marx à historiografia consiste em:

a) Oferecer um "sentido" à história; escalonando as sociedades e apontando numa "direção".

b) Explicar os motivos da dinâmica social no tempo.

c) Dotar o historiador de um princípio para hierarquizar os planos de uma sociedade (infra e superestrutura).

Marx possibilita ao historiador duas tarefas básicas conforme Hobsbawm: "explicar e generalizar".

Estas teses de Marx, segundo Hobsbawm, facultam ao historiador explicar o por que e como as sociedades mudam. Ou seja, explicita o

motor da história (causas) e a "sucessão" das formas sociais. O "como" e o "por quê" da história são as "autênticas" contribuições de Marx à teoria da história.

Em seu entender, Marx oferece ao historiador uma chave mestra para explicar as sociedades de ontem e de hoje. Um princípio causal (o porquê) e um princípio gnosiológico.

A sedução intelectual do marxismo reside, em grande parte, nesta "promessa", à exemplo do positivismo, no século 19. Uma "chave" para entender a sociedade, seu funcionamento, e até predizer, em certa medida, o seu futuro. O que vocês acham disto? O materialismo histórico é uma boa ferramenta para ler as sociedades de ontem e de hoje?

## CRÍTICA DE HOBSBAWM AO ESTRUTURAL-FUNCIONALISMO E À TEORIA DO DESENVOLVIMENTO

À luz do materialismo o autor critica: as teorias do desenvolvimento (Rostow) e a teoria estrutural-funcionalista, doutrinas concorrentes do marxismo no plano explicativo e ideológico nos anos de 1960.

a) Nas teorias do desenvolvimento o autor critica o reducionismo: toda história é processo de passagem do "tradicional ao moderno"; tal visão concentra-se somente em algumas fases. A teoria do desenvolvimento, assim, empobrece a história, restringe o horizonte histórico, o campo do processo humano no tempo. Todavia, encarar a história como sucessão de "modos de produção", não é fazer o mesmo?. O autor reprova, na teoria do desenvolvimento, o esquematismo ou simplismo. Ele entende que as transformações sociais são de natureza mais complexa. Não se reduzem à passagem do "tradicional" ao "moderno" num modelo unilinear.

b) O autor reprova nos estruturais-funcionalistas: 1) negação da hierarquização das sociedades tomando como parâmetro o controle da natureza e assim sendo, o "progresso". Conforme tal vertente teórica, todas as sociedades tem o mesmo sucesso no controle da natureza. Primitivos e civilizados estariam no mesmo patamar no tocante ao controle da natureza. Para o autor, tal perspectiva é ideologicamente conservadora, comprometida com o status quo. Notem que aqui a crítica do autor é moral e não epistemológica. Saímos do plano científico e entramos no plano moral. Isto sempre ocorre quando se discute o social. Vai-se do descritivo ao prescritivo, do ser ao dever ser.

2. Ainda quanto ao estruturalismo, o autor condena a ênfase na dimensão sincrônica, ou seja, estática em lugar da dinâmica, a "negação da mudança evolutiva". Ou ainda, não explicar a sucessão (mudança) e os mecanismos da transição. Aqui o autor faz eco a crítica marxista ao estruturalismo.

Enfim, para Hobsbawm, o estruturalismo é uma teoria social insuficiente.

Pensar o devir é essencial para inteligir o social. Sob esta ótica, por exemplo, só posso entender a família presente se considerar a sua gênese. Neste aspecto, o autor adota uma perspectiva historicista: explicar é historiar. [O vir-a-ser explica o ser atual. Um fato somente pode ser lido historicamente? E para vocês, a explicação histórica (diacrônica) é indispensável? Já pensaram sobre em isto em suas noites de insônia? Qual o valor da explicação histórica?

## "VANTAGENS" DO MARXISMO FRENTE ÀS TEORIAS CRITICADAS

As "vantagens" do materialismo histórico frente à teoria do desenvolvimento e ao estrutural-funcionalismo, conforme Hobsbawm são duas:
a) Explica "por que" a história tem uma "direção" (a partir da teoria do "controle crescente da natureza"). Assim fazendo, o materialismo "supera" a visão estática peculiar ao estruturalismo e ao funcionalismo. Possibilita escalonar as sociedades no tempo. Dá conta do "sentido" da história numa visão de conjunto. O materialismo histórico, conforme o autor, ao contrário do estruturalismo, postula a ideia de "progresso"ou evolução social. Leva a sério a evolução tecnológica da humanidade, os progressos do homem.
b) Explica como ocorre o desenvolvimento histórico a partir das "contradições internas" inerentes aos modos de produção. Os sistemas sociais não são entidades harmônicas, pois neles latejam contradições estruturais: sociedade X economia.

Assim – conforme Hobsbawm – os principais legados de Marx para o historiador foram
a) oferecer um princípio para classificar ou escalonar as sociedades ao longo do tempo: o controle crescente da natureza por meio da tecnologia.
b) oferecer um princípio explicativo para o desenvolvimento histórico: a tese das contradições internas dos modos de produção. Uma chave explicativa para a dinâmica da história humana.

## OBRAS DE ERIC HOBSBAWM

- *Rebeldes Primitivos* – 1959
- *A Era das Revoluções* – 1962
- *Os Trabalhadores* – 1963
- *Indústria e Império* – 1968
- *Bandidos* – 1969
- *Revolucionários* – 1973
- *A Era do Capital* – 1975

- *A invenção das Tradições* – 1983
- *Mundos do Trabalho* – 1985
- *A Era dos Impérios* – 1987
- *Ecos da Marselhesa* – 1990
- *Nações e Nacionalismo* – 1992
- *A Era dos Extremos* – 1994
- *Sobre a história* – 1997
- *Gente Incomum* – 1998
- *No limiar do Novo Século* – 2000
- *Tempos Interessantes* (autobiografia)- 2002
- *Globalização, Democracia e Terrorismo* – 2007
- *Sobre o império* – 2008

## ATIVIDADES

1. Que aspectos caracterizam a historiografia do século 19 conforme o autor?
2. No entender do autor que ideias básicas constituem o chamado "marxismo vulgar"?
3. Que teses constituem o "autêntico" legado de Karl Marx à historiografia?
4. Que métodos sociológicos são atacados pelo autor e quais os motivos do ataque?

## TEXTO BÁSICO

HOBSBAWM, Eric. **O que os historiadores devem a Karl Marx?** Sobre história. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 155-170 (Conferência de 1968).

## CONCLUSÃO

Todavia, o marxismo, no plano da história, ainda sofre alguns limites:
a) A natureza dos "modos de produção".
b) A sucessão dos "modos de produção".
c) Os mecanismos do desenvolvimento e interação das formações sociais.

## RESUMO

Eric Hobsbawm tem sua ideia de história ligada ao legado de Karl Marx. Todavia, distingue um "marxismo vulgar" contraposto ao marxismo "autêntico". Para o autor, este marxismo vulgarizado tem como ideias básicas a noção de que economia é a chave explicativa de toda sociedade, a noção de "lutas de classe" e a noção de leis históricas, ou seja, a ideia de que o processo da história é previsível. Para Hobsbawn, o marxismo "maduro" oferece ao historiador um "sentido" à história; escalonando as sociedades e apontando numa "direção", explica os motivos da dinâmica social no tempo e dota o historiador de um princípio para hierarquizar as sociedades: as noções de infra e superestrutura. À luz do materialismo, Hobsbawm critica a teoria do desenvolvimento pela visão esquemática do processo histórico: a passagem unilinear do "tradicional" ao "moderno". O autor ainda condena a teoria estrutural-funcionalista por enfatizara a dimensão sincrônica, ou seja, estática em lugar da dinâmica. No entender do autor, Marx oferece uma chave mestra para explicar as sociedades de ontem e de hoje: a tese das contradições internas dos modos de produção. Tais noções, faculta ao historiador explicar o por que e como as sociedades mudam, ou seja, possibilita duas tarefas básicas ma intelecção historiográfica: "explicar e generalizar".

## REFERÊNCIAS

HUGGES-WARRINGTON, Marnie. Eric Hobsbawm. **Cinquenta grandes pensadores da História.** São Paulo: Contexto, 2002. p.198-199.
JAGGI, Maya. A Question of Faith. In: **The Guardian**, Londres, 14 de setembro de 2002. Disponível em: < http://www.guardian.co.uk/books/2002/sep/14/biography.history >. Acesso 24 fev. 2010.
LOWY, Michael. Do Capitão Swing a Pancho Villa: Resistências Camponesas ao Capitalismo na Historiografia de Eric Hobsbawm. In: **Politéia - História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v.2, n.1, 2002. Disponível em: < http://www.uesb.br/politeia/v2/artigo_01.pdf >. Acesso 24 fev. 2010.
PINHEIRO, Paulo Sérgio. Eric Hobsbawm: um espelho do mundo em mutação. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 5, 1989. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141989000100012&script=sci_arttext >. Acesso 24 fev. 2010.